

# José Roberto Santos Neves

## Andar com fé, sempre

*José Roberto Santos Neves*

neves-jose@uol.com.br

Não sou católico praticante, daqueles que vão à missa todos os domingos, participam de novenas, grupos de oração. Mas sempre que posso busco refúgio no Convento da Penha. É, no mínimo, fascinante imaginar que aquele templo, erguido há mais de 450 anos, presenciou todas as mudanças ocorridas neste pedaço de paraíso através dos séculos, protegendo a população e zelando pela sua paz. Assim que subimos por suas ladeiras, a pé ou de carro, sentimos uma energia diferente nas matas, nas pedras, na vista exuberante de Vila Velha e Vitória, na fé que emana daquele lugar.

É por isso que nesta época do ano sempre vivencio uma sensação especial com a chegada da Festa da Penha e, principalmente, da Romaria dos Homens, da qual tive o privilégio de participar em duas ocasiões. Deveria ter ouvido o conselho do Leonel Ximenes, que todos os anos arregimenta um grupo de jornalistas da redação para fazer a tradicional caminhada. Leonel é daqueles que vai com camisa da comunidade, carrega faixa, organiza o ônibus que sai da Prainha para o Centro. Eu, não; sou um mero coadjuvante nesse ritual.

Nunca é demais lembrar que se trata da maior celebração religiosa do Espírito Santo, e a terceira maior do Brasil, atrás apenas da festa de Aparecida, em São Paulo, e do Círio de Nazaré, em Belém. Para aqueles que vivem dizendo que o "Espírito Santo não tem nada" - independentemente da religião -, eis um motivo de orgulho para quem nasceu e mora neste chão.

Lembro da minha infância, quando os parentes se preparavam para o dia sagrado, e nós ficávamos imaginando o que havia de tão especial naquela data. Na adolescência, ouvia histórias dos maridos que aproveitavam a ocasião para enganar as esposas e desviar do caminho, na altura de Jardim América, para virar a madrugada no forró, voltando para casa ao amanhecer, com a cara mais lavada do mundo. Hoje isso não é mais possível, pois a Romaria dos Homens virou a Romaria da Família, repleta de mulheres, crianças, jovens.

É uma sensação indescritível sair da Catedral Metropolitana ao lado de milhares de fiéis, com velas nas mãos, e percorrer as ruas de Vitória à noite, o Parque Moscoso, a Vila Rubim, o trecho em frente à Rodoviária, vendo as construções antigas, observando com atenção a cidade que ninguém percebe na loucura do dia a dia. Quando descemos a Segunda Ponte, somos saudados pelos moradores do entorno da Lindenbergl. Não raramente, ouve-se um grito lá do fundo:

- Viva Nossa Senhora!

- Viva! - responde a multidão.

O percurso é feito com orações, cânticos, pedidos, agradecimentos. A certa altura, os pés e as canelas começam a me lembrar que estou longe de ser um atleta, pelo contrário, passo a maior parte do dia sentado em frente a um computador. Mas basta olhar para o lado para perceber que meu esforço não é nada diante do sacrifício dos romeiros.

Mais à frente, o aroma do chocolate nos indica que estamos na Glória. Em frente a um shopping, as pernas já estão bambas, mas a dor é o que menos importa. Ao chegar à Prainha, vem o abraço afetuoso dos amigos e parentes, e uma prazerosa sensação de paz que alimenta a alma.

Este ano, já decidi: para não fazer feio diante de Nossa Senhora, estou fazendo pilates e treinando na esteira ergométrica. Mas, no fundo, sei que Ela me protegerá de qualquer jeito. Assim como protege a todos nós.